

DENOMINAÇÃO COMO FORMA DE DOMINAÇÃO: UM ESTUDO FILOLÓGICO-LEXICAL COM AS DESIGNAÇÕES TOPONÍMICAS BAIANAS A PARTIR DAS EDIÇÕES DE DOCUMENTOS RELATIVOS À TERRA

Natália Oliveira Nascimento¹; Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz²

1. Bolsista PROBIC/UEFS. Graduanda em Licenciatura em Letras com Espanhol, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nata.nascimento@ymail.com
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rcrqueiroz@uol.com.br

PALAVRAS- CHAVE: Filologia, Onomástica, Topônimos.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é mostrar os resultados de um estudo baseado na pesquisa realizada com a finalidade de elaborar um glossário toponímico dos nomes de lugares baianos retirados dos documentos referentes à terra, contidos no livro intitulado *Documentos do acervo de Monsenhor Galvão: edição semidiplomática*, organizado pela professora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz. Assim, para cada um dos topônimos elencados foi feita uma descrição etimológica, morfológica, histórica, cultural, entre outras. A presente análise justifica-se pela importância da elaboração desse glossário toponímico, visando sua utilização pelas diversas ciências como Geografia, História, Antropologia, Teologia, entre outras.

METODOLOGIA

A constituição do *corpus* para a referida pesquisa resultou da identificação de todos os topônimos presentes nos documentos editados referentes à terra, sendo estes: Carta de Sesmaria, Certidão de Venda, Certidão de doação de bens e Declaração de Venda, encontrados no livro *Documentos do acervo de Monsenhor Galvão: edição semidiplomática*. A partir das edições, foi estabelecido o vocabulário relativo aos topônimos baianos. No total foram encontrados 42 topônimos, sendo nomes de rios, sesmarias, freguesias, vilas, serras, morros e municípios. Como o presente estudo está voltado para os topônimos do território baiano, foram selecionados apenas 28 topônimos, pois é o total dos locativos baianos. Para a elaboração da análise foi adotada a ficha lexicográfico-toponímica, desenvolvida por Dick (1990), contendo as seguintes informações: município, localização, topônimo, acidente humano, taxionomia, etimologia, entrada lexical, estrutura morfológica, histórico, informações enciclopédicas, contexto, fonte, pesquisador(a), revisor(a), data da coleta. Para a análise dos topônimos foram utilizados vários dicionários, como o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2007), de Antônio Geraldo da Cunha; também foi consultado o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001), de Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar e Francisco Manoel Mello Franco. Para o levantamento histórico dos municípios referentes aos topônimos foi utilizada, também, a *Enciclopédia dos municípios brasileiros* (1958), do IBGE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por seu caráter moldável, o léxico, que tem características flexíveis, é ajustado às necessidades linguísticas do homem em todos os âmbitos, seja familiar, profissional, social. Desse modo, ele estará sujeito a variadas transformações. Da relação entre sujeito, interação com o meio e o léxico, o homem, com seu poder dominador, denominador e cognoscitivo, se apodera

do espaço em que vive. Nessa relação linguística e extralinguística ocorre uma dominação em que ele procura enquadrar o espaço ou objeto através da denominação.

Pode-se verificar essa relação de dominação no histórico da cidade de Santo Estevão, no seguinte texto: “[...] o município foi extinto e anexado ao de São Gonçalo, mas logo foi restaurado, com denominação alterada para Santo Estevão” (IBGE, 1958, p. 311).

A partir daí é verificada a demarcação do espaço feita pelo homem para garantir o domínio econômico, político e social do lugar.

A partir das variadas visões dos estudiosos, o estudo do léxico permite perceber a importância da interferência humana em sua criação e cristalização ao longo do tempo. A observação desse aspecto do léxico - a motivação do homem na criação dos topônimos - é de extrema importância, porque é uma possibilidade de evidenciar os efeitos da relação entre sujeito e meio nas mudanças sociais e suas consequências ao longo do tempo.

A seguir será apresentada uma ficha lexicográfico-toponímica no modelo definido por Dick (1990) com os dados de um topônimo selecionado para este trabalho:

1. Santo Estevão

Figura 3: Imagem de Santo Estevão



Fonte: Google Imagens

Disponível em: <http://www.google.com.br/imgres?start=356&hl=pt-BR&gbv=2&biw=1366&bih=643&tbnid=IUphummVIWYJAM:&imgrefurl=http://umburanasdeantoniocardosoba.blogspot.com/2011/05/homenagem-aos-320-anos-de-historiao.html&docid=HctCA7RQzJomAM&imgurl=http://www.achetudoeregiao.com.br/ba/antonio_cardoso/gifs/antonio_cardoso.jpg&w=400&h=300&ei=0BWmT6LzFoTe9ATU-IjZAw&zoom=1&iact=hc&vpx=722&vpy=74&dur=4407&hovh=194&hovw=259&tx=125&ty=143&sig=103116430779440910461&page=16&tbnh=139&tbnw=180&ndsp=24&ved=1t:429,r:3,s:356,i:172>. Acesso em: 5 mai. 2012.

Município	Santo Estevão
Localização	Microrregião Feira de Santana/ Misorregião Centro Norte Baiano. As margens da BR 116, totalmente incluído no “Polígono das Secas”.
Topônimo	Santo Estevão
AH	Município
Taxionomia	Hagiotopônimo
Etimologia	Santo = ‘sagrado’ ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’ XIII. Do lat. <i>Sanctus</i> –a –um santEIRO XVII santIDADE XIII. Do lat. <i>Sanctitas</i> –atis santIFIC’ AÇÃO XVII. Do lat. <i>sanctificatio</i> –onis santIFIC’ ADOR XV. Do lat. <i>sanctificator</i> –oris santIFIC’ AMENTO XV santIFIC’ ANTE XVII santIFIC’ AR <i>santivigar</i> XIII, <i>santiguar</i> XIII etc. do lat. <i>sanctificare</i> santimôniasf. ‘modo ou aparência de santo’ XVI.

	Do lat. <i>sanctimonia</i> –ae santimoni AL 1844. Do lat. <i>sanctimonalis</i> –e santÍSSIMO XIV santOR' AL XVII santU' ÁRIO XIV, <i>santuairo</i> XIII Do lat. <i>sanctuarium</i> –ii. Esteva = 'planta da fam. das cistáceas' XV. Do lat. hisp. <i>stippa</i> esteVAL XV.
Entrada Lexical	Santo Estevão
Estrutura morfológica	Santo [sant- (morfema lexical básico de origem latina) + -o (morfema lexical de origem portuguesa)] + Estevão [estev- (morfema lexical básico de origem latina) + -ão (morfema derivacional português- sufixo)]
Histórico	A primeira penetração em terras do atual município data do ano de 1739, quando o padre português José da Costa Almeida, possuidor de mais de três léguas de terra no lugar conhecido Santo Estevão Velho, onde morava e possuía fazenda de criação e de lavoura, açoitado pela seca que então assolava aquela região, foi obrigado, no ano referido, a sair dali em busca de recursos para o gado, indo encontrar fonte manancial de água doce, que ainda hoje existe, na margem do riacho Salgado, distante trezentos metros do local em que se acha a sede deste município. Ali foi construída uma capela em 1751 e dedicada a Santo Estevão. Foi em 1754 elevada à categoria de freguesia de Santo Estevão de Jacuípe. Esta estava situada entre os rios Paraguaçu e Jacuípe. Pertenciam ao âmbito administrativo da freguesia as capelas de Nossa Senhora do Resgate de Umburanas e Santo Antônio de Aquino, sendo delas desanexados por haverem alcançado o predicamento de matrizes, a partir de então foi reduzida a sua primitiva área. Na divisão administrativa de 1911, aparece como distrito subordinado ao município de Cachoeira com a denominação de Santo Estevão de Jacuípe. A lei número 1491, de 12 de julho de 1921, sancionada pelo Coronel Frederico Augusto Rodrigues da Costa, que substituíra o Governador do Estado, José Joaquim Seabra, elevou a povoação à categoria de vila e criou o município de Santo Estevão de Jacuípe, com território desmembrado do de Cachoeira e mesmos limites do distrito de paz. Em 1931 o município foi extinto e anexado ao de São Gonçalo, mas logo foi restaurado, com denominação alterada para Santo Estevão.
Informações enciclopédicas	A atividade fundamental da economia da região é a agricultura, em que são produzidos feijão, milho, fumo, mandioca, laranja e castanha de caju. A pecuária também é importante para a economia local. Sabe-se que a olericultura tem se expandido nos últimos anos. Vem sendo produzidos alface, coentro, couve, jiló, quiabo, berinjela, cenoura e beterraba. O processo de comercialização para estes produtos é realizado localmente, nas feiras, mas alguns proprietários estão conseguindo colocar a produção nos mercados de Feira de Santana, CEASA em Salvador e em cidades como Jequié e Santo Antônio de Jesus. Outra cultura em desenvolvimento na região é a fruticultura. O comércio local vem se expandindo e sua maior concentração está localizada na Praça 7 de Setembro, Rua Benjamim Constant, Av. Castro Alves, rua Marechal Floriano Peixoto e a Praça Lineu Cerqueira da Silva.

	O município ainda conta com o Centro de Abastecimento Lineu Cerqueira da Silva, localizado na Praça Lineu Cerqueira da Silva, onde acontece diariamente a feira livre, exceto aos domingos. Em levantamento efetuado pela Prefeitura Municipal, foi constatada a existência de 61 indústrias, sendo 52,73% vinculadas à área de confecções, 8,15% panificadoras, 14,41% olarias, encontrando-se também pequenas indústrias de beneficiamento de milho, castanha de caju e outras ligadas a móveis de madeira e tubulares, serrarias, refrigerantes, torrefação de café e produtos de limpeza.
Contexto	“[...] e metade das benfeitorias da mesma fazenda cita na freguesia de Santo Estevão [...]”(p. 96)
Fonte	IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros . Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Vol. XX. Rio de Janeiro, 1958. CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. SANTO ESTEVÃO. Disponível em: < http://www.santoestevao.ba.gov.br/atividades-economicas.php >. Acesso em: 27 abr. 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar os locativos através de documentos lavrados em outros períodos da História permitiu desvendar as motivações humanas, seja em grupo ou individual, nas quais ele denomina e demarca o espaço enquadrando o nome ao lugar de acordo às suas realidades e necessidades. Neste trabalho, o qual se pode denominar interdisciplinar ou transdisciplinar (pelo fato de unir variadas ciências), foi visto que o homem não nomeia por nomear, mas existe nos nomes de lugares todo um contexto social, cultural e histórico que os fundamentam.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, Maria Thereza Camargo. 1998. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS, Ed. UFMS. p. 11-20.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. 2002-2003. Onomástica e lexicologia: O léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: Os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*, São Paulo, 56: 172-179.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. 1982. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. 2001. O Sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande-MS, Ed. UFMS. p. 79-90.
- _____. 1990. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo, Arquivo do Estado.
- IBGE. 1958. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Vol. XX. Rio de Janeiro.
- QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). 2007. *Documentos do acervo de Monsenhor Galvão*: edição semidiplomática. Feira de Santana-BA, UEFS.

SANTOS, Rosa Borges. 2009. Léxico e cultura. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro (Org.). *Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico*. Feira de Santana-BA, UEFS. p. 9-11.